

Relativamente extenso, o género *Nola* (Leach, 1815) conta já com oito espécies confirmadas em Portugal continental. A presença de *Nola cucullatella* (Linnaeus, 1758) no extremo norte do território foi recentemente confirmada (Marabuto, 2022) e representa a mais recente adição a este grupo.

De todo este conjunto apenas nos ocuparemos aqui de duas espécies cuja diagnose pode revelar-se problemática: *Nola subchlamydula* (Staudinger, 1870) e *Nola infantula* (Kitt, 1926). No que diz respeito à ecologia e à distribuição no território revelam-se muito idênticas: tendem a ocupar biótopos de feição mediterrânica, ou seja, zonas abertas e quentes, com um coberto arbustivo pouco denso e dominado por plantas baixas. Esta ocupação parece deixar de fora o noroeste do país, nomeadamente o Minho e o Douro Litoral, zonas de forte influência atlântica, marcadas por amplitudes térmicas anuais mais baixas.

Quanto à dieta e ao período de voo há diferenças relevantes. Preferindo as *Lamiaceae* (sobretudo *Lavandula stoechas*, *Salvia*,

Teucrium, etc.), a *N. subchlamydula* voa num segmento temporal entre março e julho. A existência de dois picos de abundância, um em março e outro em junho, sugere a ocorrência de duas gerações. Já a *N. infantula*, além de *Teucrium* elege outras herbáceas (*Scabiosa*, *Euphrasia*, etc.) e parece beneficiar de um período de voo mais longo. Estando ativa entre janeiro e setembro, manifesta maior abundância em março e depois na transição de maio para junho. Os registos disponíveis permitem especular que poderá ter duas gerações na primeira metade do ano, seguidas de uma terceira geração parcial em zonas mais quentes (M. Corley, comentários pessoais).

Estamos perante duas espécies relativamente comuns e regulares cuja distribuição importa delimitar com maior clareza, em particular nas zonas mais interiores do país onde as iniciativas de monitorização ou não existem ou não têm a regularidade desejável. O seu forte polimorfismo recomenda ainda que a determinação seja cautelosa devendo, sempre que possível, recorrer-se à análise da genitália dos espécimes recolhidos.



Nola subchlamydula



Nola infantula

Fotos: Ana Valadares

Comparando espécies

Nola subchlamydula e *Nola infantula*

Autor: Jorge Rosete



Critérios de distinção:	<i>Nola subchlamydula</i>	<i>Nola infantula</i>
Dimorfismo sexual	<ul style="list-style-type: none">Os machos apresentam antenas pectinadas enquanto as das fêmeas são filiformes. As fêmeas tendem ainda a ser ligeiramente maiores do que os machos.	
Envergadura	<ul style="list-style-type: none">Entre 13 e 20 mm.	<ul style="list-style-type: none">Entre 13 e 17 mm.
Asas anteriores	<ul style="list-style-type: none">As manchas em forma de “meia-lua” adjacentes à linha terminal apresentam-se enegrecidas de forma difusa e, portanto, pouco definidas.	<ul style="list-style-type: none">As manchas em forma de “meia-lua” adjacentes à linha terminal apresentam-se saturadas por uma escamação negra que as torna bastante marcadas.

N. subchlamydula



N. infantula



Bibliografia:

E. MARABUTO (2022), *Spialia rosae* Hernández-Roldán, Dapporto, Dincă, Vicente & Vila, 2016, and 17 moth species new for the fauna of Portugal (Insecta: Lepidoptera). AEGA, ARQUIVOS ENTOMOLÓXICOS, 25: 305-322.

H. HACKER, H.-P. SCHREIER & B. GOATER, *Revision of the tribe Nolini of Africa and the Western Palearctic Region* (Lepidoptera, Noctuoidea, Noctuidae, Nolidae), Esperiana, 17: 1,614, 2012.

M. CORLEY, *Lepidoptera of Continental Portugal. A fully revised list*, Faringdon, 2015.

Imagens:

1. *N. subchlamydula*; 2. *N. infantula* © Jorge Rosete.